

Reflexões sobre a Masculinidade Negra na Peça Farinha com Açúcar de Jé Oliveira em Diálogo com os Racionais MC's

Rodrigo Santos de Lima*
Érica de Souza Oliveira**

Resumo

Este artigo tem como foco investigar a poética afro-diaspórica presente na obra do dramaturgo Jé Oliveira, em particular sua peça *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustância de Meninos e Homens* (2018), em um diálogo intertextual com os álbuns: *Sobrevivendo no Inferno* (1997) e *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*, vol. 1 & 2 (2002) dos Racionais MC's. Por meio de uma análise comparativa das obras, essa pesquisa busca compreender e representar as experiências da masculinidade negra na sociedade brasileira. E para essa pesquisa conto com um arcabouço teórico composto por: bell hooks; Muniz Sodré; Achille Mbembe; Nilma Gomes; e Silvio Almeida. Sumariamente, este estudo não apenas oferece uma análise das obras de Jé Oliveira e dos Racionais MC's, mas também promove uma reflexão significativa sobre questões sociais urgentes e a importância da arte como uma ferramenta para a mudança social e a conscientização.

Palavras-chave: Masculinidade negra, Hip-hop, Dramaturgia negra.

109
»»»-«««

* Homem negro e gay, licenciando em Teatro (UNEB).

** Mulher negra, remanescente de quilombola; doutoranda em Teoria e História Literária (UNICAMP), mestre em Estudos da Linguagem (2021) e especialista em Literatura e Cultura (FAEL, 2018); professora de Letras Vernáculas na UNEB – campus VII (Senhor do Bonfim).

Reflections on Black Masculinity in Jé Oliveira's Play *Farinha com Açúcar* in Dialogue with Racionais MC's

Reflexiones sobre la Masculinidad Negra en la Obra *Farinha com Açúcar* de Jé Oliveira en Diálogo con los Racionais MC's

Abstract

This article focuses on investigating the Afro-diasporic poetics in the work of playwright Jé Oliveira, particularly his play *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustância de Meninos e Homens* (2018), in an intertextual dialogue with the albums *Sobrevivendo no Inferno* (1997) and *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*, Vol. 1 & 2 (2002) by Racionais MC's. Through a comparative analysis of these works, this research aims to understand and represent the experiences of Black masculinity in Brazilian society. The theoretical framework for this research includes bell hooks, Muniz Sodré, Achille Mbembe, Nilma Gomes, and Silvio Almeida. In summary, this study not only provides an analysis of the works of Jé Oliveira and Racionais MC's but also promotes significant reflection on urgent social issues and the importance of art as a tool for social change and awareness.

Keywords: Black Masculinity, Hip-hop, Black Dramaturgy.

Resumen

Este artículo se centra en investigar la poética afro-diaspórica presente en la obra del dramaturgo Jé Oliveira, en particular su obra *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustância de Meninos e Homens* (2018), en un diálogo intertextual con los álbumes *Sobrevivendo no Inferno* (1997) y *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*, vol. 1 & 2 (2002) de Racionais MC's. A través de un análisis comparativo de las obras, esta investigación busca comprender y representar las experiencias de la masculinidad negra en la sociedad brasileña. Para esta investigación, cuento con un marco teórico compuesto por: bell hooks, Muniz Sodré, Achille Mbembe, Nilma Gomes y Silvio Almeida. En resumen, este estudio no solo ofrece un análisis de las obras de Jé Oliveira y de los Racionais MC's, sino que también promueve una reflexión significativa sobre cuestiones sociales urgentes y la importancia del arte como una herramienta para el cambio social y la concienciación.

Palabras clave: Masculinidad negra, Hip-hop, Dramaturgia negra.



Parte 1: Contexto e Significados

O estudo comparativo entre as obras de Jé Oliveira e os Racionais MC's é social e academicamente relevante por diversos motivos. Primeiramente, ao abordar temas como masculinidade negra, genocídio da juventude negra e racismo estrutural, ele contribui para conscientizar e combater injustiças sociais, potencialmente gerando mudanças políticas e sociais. Além disso, sua abordagem interdisciplinar, que combina sociologia, estudos culturais, teatro e música, enriquece a análise e oferece uma compreensão mais abrangente dessas questões.

Valorizando a poética afro-diaspórica presente nas obras estudadas, o estudo promove a apreciação e compreensão da cultura negra brasileira. Também oferece dados importantes para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade racial e o combate às injustiças sociais. No contexto acadêmico, enriquece o discurso ao analisar profundamente as obras estudadas e promover uma reflexão crítica sobre o papel da arte na mudança social. Explorando a intertextualidade entre o teatro de Jé Oliveira e a música dos Racionais MC's, o estudo destaca o potencial criativo e expressivo da cultura afro-brasileira, inspirando novas formas de criação artística e promovendo o diálogo entre diferentes formas de expressão cultural.

Na investigação criamos uma tabela como estudo comparativo onde relaciono as músicas dos Racionais MC's, presentes na obra de Jé Oliveira e uma outra tabela com os nomes e ocupações dos doze entrevistados para a construção da peça *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustância de Meninos e Homens* (2018). Os dados das tabelas foram introduzidos no corpo do texto de forma fluida para dinamizar a leitura.

Jé Oliveira é uma figura multifacetada no cenário artístico brasileiro, atuando como ator, diretor, dramaturgo, compositor e escritor. Graduado em Ciências Sociais pela USP, o autor traz uma perspectiva interdisciplinar única para suas criações. Em 2017, sua peça *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustância de Meninos e Homens* foi



agraciada com o 6º Prêmio Questão de Crítica¹, evidenciando seu talento e reconhecimento na comunidade teatral.

Além de *Farinha com Açúcar*, Jé Oliveira possui um impressionante catálogo de obras, incluindo outras cinco peças escritas e encenadas, sendo elas: *Movimento Número 1: O Silêncio de Depois...* (2011), *Taiô* (2013), *{ENTRE}* (2014), *Azar do Valdemar* (2014) e *Nóis* (2014). Essas peças demonstram sua versatilidade artística e sua habilidade em abordar uma variedade de temas e estilos, cada uma dessas peças oferece uma perspectiva única sobre aspectos da vida, da sociedade e da condição humana, como: espaços entre identidades, culturas ou realidades distintas; identidade coletiva, comunidade e pertencimento. Cada uma dessas peças pode oferecer uma visão única sobre aspectos da vida, da sociedade e da condição humana, contribuindo para a diversidade e riqueza do panorama teatral contemporâneo.

Em *Farinha com Açúcar*, Jé Oliveira (2018) está acompanhado em cena por cinco músicos que dão sustentação sonora para as narrativas literárias e musicais. A obra explora a sinestesia e se entende como uma peça-show para ser ouvida, sentida e vista. Os músicos Cássio Martins, DJ Tano – Záfria Brasil, Fernando Alabê, Mauá Martins, Melvin Santhana, acompanham o artista. Eventualmente o músico Kl Jay, integrante dos Racionais Mc's, participa como DJ do espetáculo. A dramaturgia busca uma relação íntima com o público por meio da palavra falada e cantada e, para isso, utiliza-se da construção poética da presença cênica.

Sobre o cenário, o Dramaturgo descreveu da seguinte forma:

O cenário é composto por 7 barracos, os instrumentos e a banda estão posicionados em estantes. No centro próximo ao proscênio, um pedestal de microfone sem fio, um pouco mais adiante, dois trios de bonecos, um do lado esquerdo e outro do lado direito do pedestal. Um deles formando a frase “Por que o senhor atirou

¹ O Prêmio Questão de Crítica é umas das iniciativas que compõem o trabalho de um coletivo de críticos, um grupo de pesquisadores que se juntaram a partir das atividades da Revista Questão de Crítica. Disponível em: <https://primeirosinal.com.br/o-premio-questao-de-critica/>. Acesso em: 30 de maio de 2024.



em mim?”. No outro vemos grafites com desenhos de rostos de crianças (Oliveira, 2018, p. 29).

A frase “Por que o senhor atirou em mim?” presente na citação anterior, retrata a realidade da violência policial e o impacto devastador que ela tem na vida dos jovens negros nas periferias urbanas do Brasil. Ela é uma expressão direta da perplexidade, da dor e da injustiça sentidas por muitos jovens negros que são vítimas de violência policial sem motivo aparente. O cenário, composto por barracos e elementos simbólicos como bonecos e grafites, adiciona camadas de significado à narrativa, amplificando o impacto emocional da obra e convidando o espectador a refletir sobre as questões urgentes abordadas.

Em sua obra *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustância de Meninos e Homens*, Jé Oliveira tece uma intrincada rede de referências aos álbuns icônicos dos Racionais MC’s: *Sobrevivendo no Inferno* (1997) e *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*, vol. 1 & 2 (2002). Essa intertextualidade não apenas enriquece a narrativa da peça, mas também estabelece um diálogo profundo com a cultura e a realidade urbana brasileira, especialmente no que diz respeito à experiência negra na sociedade contemporânea.

A peça dialogiza, ainda, o depoimento colhido de doze homens negros: (1) Akins Kintê, poeta e diretor de cinema; (2) Allan da Rosa, Historiador e dramaturgo; (3) Aloyso Letra, Cantor, compositor e roteirista; (4) Fernando Alabê, músico; (5) João Nascimento, percussionista; (6) Kl Jay, Integrante do grupo Racionais MC’s; (7) Melvin Santhana, músico; (8) Renato Ihu, pesquisador de cultura popular e produtor; (9) Salloma Salomão, artista e intelectual; (10) Seu Luís Livreiro, vendedor de livros; (11) Will Oliveira, modelo; (12) Zinho Trindade, poeta.

As entrevistas abordam diversos aspectos relacionados às suas experiências de vida, identidade, masculinidade, desafios enfrentados e perspectivas sobre questões sociais e culturais. Por exemplo, experiências de discriminação e racismo, relações familiares e comunitárias, identidade e masculinidade negra, educação e oportunidades. Entre essas questões sociais destacamos o trecho a seguir:



[...] A vó, a Antiga, foi mãe de 4 filhos homens e 5 filhas mulheres. A Antiga hoje está morta e desses 4 homens, 3 vão morrer. Já estão mortos hoje também. Só sobreviveu um (Oliveira, 2018, p. 30).

Dos três filhos homens da Antiga que morreram, um foi de cirrose, um outro de cirrose também: mortes lentas, sem leitos, entornaram o resto que tinham de vida no corredor do hospital, cansaram de pingar por aí atrás da vida ou para se esconderem dela. O outro morreu queimado (Oliveira, 2018, p. 31).

O primeiro trecho, presente no primeiro ato, retrata a história da Antiga, uma figura materna que enfrentou tragédias familiares, perdendo três de seus quatro filhos homens. A narrativa sugere uma vulnerabilidade e fragilidade que permeiam a vida desses homens negros, destacando as circunstâncias precárias que contribuíram para suas mortes prematuras. A menção das causas das mortes, como cirrose e incêndio, evoca imagens de sofrimento e desespero, ressaltando as lutas enfrentadas por esses personagens ao longo de suas vidas como vimos no segundo fragmento.

Esses trechos não apenas oferecem dados sobre as experiências individuais dos personagens, mas também lançam luz sobre questões sociais mais amplas, como saúde, acesso a serviços médicos, violência e condições de vida nas comunidades marginalizadas. Eles convidam os leitores a refletir sobre as complexidades da existência e as injustiças sistêmicas que permeiam as vidas das pessoas negras no Brasil.

Algumas das áreas tradicionais das Artes Cênicas que têm investigado o fenômeno urbano do Hip Hop e que podem oferecer suporte à poética de Jé Oliveira em *Farinha com Açúcar* incluem o Teatro e a Ópera, por exemplo, o teatro contemporâneo tem explorado o Hip Hop como uma forma de expressão artística válida e significativa, incorporando elementos como dança, música e linguagem para criar performances inovadoras e socialmente relevantes, como é o caso da renomada peça *Hamilton*, escrita e composta por Lin Manuel Miranda em 2015. Esta obra combina elementos do Hip Hop, rap e música tradicional para narrar a história de Alexander



Hamilton, um dos pais fundadores dos Estados Unidos². A obra não apenas reconta eventos históricos de uma forma original e cativante, mas também destaca o potencial transformador da cultura Hip Hop no cenário das Artes Cênicas.

A masculinidade negra do Hip Hop é uma das únicas imitada pelas masculinidades brancas e esse movimento que aborda a imitação ou a apropriação da masculinidade negra do hip hop pelas masculinidades brancas vem sendo discutido no contexto dos estudos culturais, da sociologia e da teoria crítica racial. Este enfoque dramático se alinha com as discussões de bell hooks (2003), que defende a questão da apropriação cultural como um fenômeno que perpetua a desigualdade ao marginalizar e desvalorizar as vozes e experiências das comunidades subalternizadas. A teórica problematiza como a apropriação cultural reforça a dominação e a opressão por parte do hegemônico. Para tanto, a intelectual destaca a importância de reconhecer e respeitar as origens culturais e as contribuições das comunidades marginalizadas na produção de elementos culturais.

Como bem liricizam os Racionais Mc's (1997) nos versos da canção *Negro Drama*:

Esse não é mais seu, oh, subiu
Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?/
Seu filho quer ser preto, ah, que ironia
(Racionais Mc's, 1997).

Os versos da música *Negro Drama*, dos Racionais MC's (1997) refletem sobre a apropriação cultural e as questões de identidade. No trecho “Esse não é mais seu, oh, subiu/Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu”, a letra sugere uma inversão de papéis, onde a cultura negra, historicamente marginalizada, se torna dominante e é absorvida pela cultura predominante sem o devido reconhecimento.

² Entre suas principais atribuições, Hamilton contribuiu com a construção de um sistema financeiro equilibrado, resolveu a dívida pública do país e colaborou com a fundação do Banco de Nova York. Disponível em: <https://maisretorno.com/porta/termos/a/alexander-hamilton>. Acesso em: 30 de maio de 2024.



A referência a “Seu filho quer ser preto, ah, que ironia” destaca a ironia de como elementos da cultura negra são estigmatizados quando adotados por aqueles fora da comunidade negra, enquanto a mesma cultura é muitas vezes desvalorizada quando expressa por indivíduos negros. Esses versos denunciam a hipocrisia e as injustiças relacionadas à apropriação cultural e à percepção da identidade negra na sociedade.

Quando nos debruçamos sobre o pensamento de bell hooks (2003), renomada teórica feminista e cultural, percebemos o destaque em sua análise profunda sobre a interseção entre cultura, identidade e poder. hooks argumenta que a cultura não é apenas um conjunto de expressões artísticas e práticas sociais, mas também um espaço de resistência e transformação. A autora enfatiza a importância da cultura como uma ferramenta para desafiar e subverter as normas dominantes, especialmente aquelas que perpetuam a opressão e a marginalização das comunidades negras.

Ao relacionar os versos da música *Negro Drama* dos Racionais MC's com o pensamento de hooks, percebemos como a questão da apropriação cultural e da identidade se entrelaça com as dinâmicas de poder na sociedade. Com isso percebemos que a letra da música não apenas denuncia a hipocrisia em torno da apropriação cultural, mas também ressalta a resistência intrínseca à cultura negra, que continua a ser uma fonte de força e empoderamento para a comunidade negra, apesar das tentativas de cooptação e marginalização.

Ao falarmos sobre cultura, temos em vista o que apresenta Muniz Sodré (2005), para o qual o que converge para todas as definições de cultura é que ela remete sempre ao relacionamento com as diferenças. Conforme o pensador, filosoficamente, esta é a condição necessária para existência de significações nos discursos que regem as organizações sociais. O escritor reitera que os relacionamentos entre o sentido e o real ocorrem em centros de poder, que por sua vez sustentam relações de controle, estratégias e táticas de domínio, podendo inclusive aparecer implícito enquanto forma lógica de racionalidade nos diversos níveis de existência social.

Dessa forma, podemos entender que a análise de Muniz Sodré (2005), sobre cultura como um espaço de relacionamento com as di-



ferências se alinha com o pensamento de hooks. Ambos enfatizam a importância da cultura como um campo de luta política e social, nas quais as relações de poder são contestadas e reconfiguradas. Ao passo que a partir da leitura de Sodré, entende-se que a literatura e as artes passaram a ser dispositivos de poder quando as classes dominantes as consumiam com mais consciência e intencionalidade. Por meio desse consumo, consolidava-se o sublime e o vulgar, e a distinção do que poderia ser considerado elevando e inferior.

Sob essa égide, a busca investigativa da representação promovida pela poética de Jé Oliveira contribui para expandir o arcabouço das temáticas abordadas no âmago das esferas culturais, além de promover a compreensão de como essas masculinidades negras têm sido pensadas e utilizadas para operar a denúncia do genocídio da juventude negra masculina, assim como de seu encarceramento penal. E para corroborar, trazemos uma citação da obra que demonstra o que estamos problematizando:

[...] Será que mereciam 5 tiros na cabeça só porque é preto? Será? Será que mereciam 12 facadas na barriga só porque é preto? Ficar amarrado pelo pescoço no poste da rua como se fazia com a gente antigamente, só porque é preto. Será que mereciam? Será? Um carro branco, 5 moleques pretos e 111 tiros, só porque é preto. Será que mereciam? Podia ser a gente voltando de um ensaio, vindo para essa apresentação: 1, 2, 3, 4, 5, 6 homens pretos. Podia ser a gente. Só porque é preto. 111 mortos do Candiru, todos pretos. Só porque é preto. Será que mereciam? Um carro branco, 5 moleques pretos e 111 tiros, só porque é preto. Será que mereciam? Podia ser a gente voltando de um ensaio, vindo para essa apresentação: 1, 2, 3, 4, 5, 6 homens pretos. Podia ser a gente. Só porque é preto. E se todos fossem ladrão, igual o Kioio era, se todos fossem, ainda assim mereciam? Só porque é preto. Mereciam? Só porque é preto. Mereciam? Mereciam? Mereciam? Só porque é preto, preto, preto. Só preto (Oliveira, 2018, p. 34).

Esse trecho traz questões relacionadas ao genocídio da masculinidade negra. Ele aborda a violência e a discriminação enfrentadas



pelos homens negros, destacando como eles são alvo de violência policial e crimes de ódio devido à sua cor de pele. O texto questiona se esses homens mereciam ser vítimas de tamanha brutalidade apenas por serem negros, comprovando a injustiça e a crueldade desses atos. Ao mencionar a possibilidade de as vítimas terem sido alvejadas “só porque é preto”, o autor ressalta a dimensão racial desse genocídio, em que a cor da pele é um fator determinante para a violência e a falta de justiça.

PARTE 2: Representações e Resiliência

A peça *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustança de Meninos e Homens*, escrita e encenada por Jé Oliveira (2018), é uma obra teatral que mergulha nas complexidades da masculinidade negra na sociedade brasileira contemporânea. Dividida em dois atos, “Morrendo” e “Sendo”, a peça proporciona uma reflexão sobre as experiências e desafios enfrentados pelos homens negros, especialmente nas periferias urbanas como citato a seguir:

[...] Nas favelas, no Zaíra, não existe uma única casa, ou sala, ou cozinha, que já não tenha velado alguém. Lá, a morte é um ato público, quando não se mata-morre nos corredores dos hospitais, é na rua, nos bares, nas vielas ou nos becos que se executa o espetáculo. Chacina, execução sumária, etnocídio, tiro na nuca, por trás, desarmado, tiro na cara para não ter velório, execução sumária, chacina, nossas mortes têm sido espetáculos públicos (Oliveira, 2018, p.36).

Essa citação descreve de forma contundente e visceral a realidade vivida nas periferias urbanas brasileiras, especialmente nas favelas e comunidades de baixa renda. O autor retrata a banalização da morte nessas áreas, em que os episódios de violência são frequentes e muitas vezes ocorrem de forma pública e sem cerimônia. O escritor menciona diversos termos como: “chacina”, “execução sumária” e “etnocídio”, ressaltando a brutalidade e a desumanização presentes nesse contexto. Essa passagem destaca a vulnerabilidade e o perigo enfrentados pelos moradores dessas comunidades, nas



quais a violência é uma parte integrante da vida cotidiana. Além disso, ressalta a falta de valorização da vida e a indiferença diante das mortes, que são tratadas como espetáculos públicos, sem respeito à dignidade das vítimas.

Jé Oliveira se inspirou na ópera como uma metodologia para compor a partir da produção dos Racionais MC's por diversas razões. Primeiramente, tanto a ópera quanto as letras dos Racionais MC's apresentam narrativas complexas, densas em histórias sobre a vida nas periferias urbanas. Além disso, ambas as formas artísticas a ópera e o rap dos Racionais MC's exploram temas sociais relevantes, como violência, desigualdade e racismo. A peça *Farinha com Açúcar*, segue essa mesma linha, abordando esses temas de maneira crua e realista como no exemplo a seguir:

[...] Prestem atenção: acendem-se todas as luzes, bem forte, intensidade máxima: é necessário que eu diga: não teremos ilusão nesta peça. Apesar de ficção, obra, criação, não teremos ilusão nesta peça (Oliveira, 2018, p. 30).

Esse tipo de coisa acontece na vida de alguns. As pessoas morrem de muitos modos, mas alguns modos são moldes das mortes de alguns só.

O DJ cita com scratch: “Negro Drama” e “Eu também não consegui fugir disso aí, eu sou mais um”. Desculpem-se eu não os poupo desse tipo de experiência de morte. Aqui terão dois tipos de morte: a morrida e a matada (Oliveira, 2018, p. 31).

O exemplo demonstra uma abordagem crua e realista para lidar com questões da vida e da morte. A citação das músicas *Negro Drama* e *Eu também não consegui fugir disso aí, eu sou mais um* indica a influência direta das letras dos Racionais MC's na obra de Jé Oliveira (2018), conectando-a à cultura e à realidade das periferias urbanas. A distinção entre “morte morrida” e “morte matada” sugere uma reflexão profunda sobre as diferentes formas de mortalidade e as circunstâncias sociais que as envolvem, reforçando a abordagem realista e crua da peça.

No primeiro ato, intitulado “Morrendo”, Jé Oliveira nos leva a um mergulho nas angústias e adversidades que permeiam a vida dos homens negros. A partir de depoimentos reais coletados durante um ano com doze homens negros de diferentes idades e ocupações, o autor constrói uma narrativa que expõe as violências, injustiças e dilemas enfrentados por essa parcela da população.

O título do ato, em diálogo com o álbum *Sobrevivendo no Inferno* dos Racionais MC's, sugere uma imersão nas realidades cruéis enfrentadas pela comunidade negra, onde a morte é uma constante ameaça e a sobrevivência é uma batalha diária. Os relatos dos personagens revelam a dor da perda, a violência policial, o encarceramento injusto e a luta pela dignidade e reconhecimento em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural.

Queremos levantar uma pauta para o tema, Racismo Estrutural, na qual o pensamento de Silva Almeida (2019) destaca que o racismo estrutural é alimentado por um complexo imaginário social, reforçado por meios de comunicação, indústria cultural e sistema educacional. O autor aponta que essa estrutura racializada cria e mantém sujeitos racializados, conferindo privilégios aos considerados brancos, independentemente de sua consciência sobre sua própria raça. O racismo estrutural se manifesta em práticas discriminatórias sustentadas por uma ideologia racista reproduzida na sociedade.

Nessa mesma perspectiva, Mbembe (2014) introduz o conceito de necropolítica, que se refere ao uso do poder social e político para ditar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer. Este conceito é refletido nas narrativas de Oliveira, que abordam o genocídio da juventude negra e o encarceramento penal desproporcional. Tanto Mbembe quanto Oliveira enfatizam a importância de desconstruir as lógicas de dominação racial que perpetuam a marginalização. Na peça, isso é feito ao revelar as histórias invisibilizadas e ao ecoar as vozes silenciadas dos homens negros.

Mbembe fala também sobre a resistência à opressão como uma forma de sobrevivência e transformação e Oliveira retrata essa resistência por meio de personagens que, apesar das adversidades, encontram maneiras de afirmar sua humanidade e lutar por justi-



ça. Ambos os autores apontam para a necessidade urgente de uma transformação social que vá além da simples reforma, buscando uma verdadeira igualdade e justiça. Oliveira usa o teatro como uma ferramenta de conscientização e mobilização social, alinhando-se com as ideias de Mbembe sobre a importância da crítica e da ação para dismantelar as estruturas opressivas.

Os elementos visuais presentes na peça *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustança de Meninos e Homens*, desempenham um papel crucial na amplificação do impacto emocional e na transmissão das mensagens e temas abordados na obra. Por exemplo, o cenário simbólico, composto por barracos, bonecos e grafites, não apenas fornece uma representação visual do ambiente físico das comunidades periféricas, mas também encapsula temas-chave, como violência policial e injustiça social. Acompanhe o fragmento que destacamos a seguir:

[...] No centro, mais próximo ao proscênio, um pedestal de microfone sem fio, um pouco mais adiante, dois trios de bonecos, um do lado esquerdo e outro do lado direito do pedestal. Em um deles forma-se a frase: “Por que o senhor atirou em mim?”. No outro vemos grafites com desenhos de rostos de criança (Oliveira, 2018, p.29).

Os bonecos com a oração “Por que o senhor atirou em mim?” servem como um lembrete visual impactante das realidades enfrentadas pelos jovens negros nas periferias urbanas, destacando a desumanização das vítimas da violência policial. Esses elementos visuais não só expressam os desafios e as injustiças enfrentadas pela comunidade negra, mas também evocam empatia e reflexão no público.

Além disso, ao relacionar esses elementos visuais com as teorias de Silvio Almeida (2020), sobre racismo estrutural e poder, podemos analisar sua estética e significado simbólico. Os grafites, por exemplo, podem ser interpretados como expressões de resistência e identidade cultural, enquanto os bonecos representam a desumanização das vítimas da violência policial.



No segundo ato, intitulado “Sendo”, Jé Oliveira propõe uma virada na narrativa, explorando o potencial de resistência, resiliência e esperança presentes nas experiências dos homens negros, assim como nos álbuns dos Racionais MC’s, especialmente em *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*, vol. 1 & 2 (2002), que também há essa virada na narrativa. As músicas apresentam temas de resistência, resiliência e esperança, mesmo em meio às adversidades enfrentadas pela comunidade negra nas periferias urbanas. Por exemplo, em músicas como *Diário de um Detento*:

Eu quero mudar, eu quero sair
Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum
E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um
Amanheceu com sol, dois de outubro
Tudo funcionando, limpeza, jumbo
De madrugada eu senti um calafrio
Não era do vento, não era do frio
(Racionais Mc’s, 2002).



Neste trecho da música *Diário de um Detento* dos Racionais MC’s (2002), o eu lírico expressa seu desejo de mudar e sair da situação em que se encontra. A voz poética menciona a possibilidade de um confronto com alguém, no qual ele teria que se defender e enfrentar as consequências. Apesar disso, o compositor nota a chegada de um novo dia, mencionando o sol do dia dois de outubro e a sensação estranha que teve de madrugada, indicando um momento de reflexão sobre seu futuro e as circunstâncias que o cercam.

Essa narrativa se relaciona com o estudo de Nilma Lino Gomes (2017), sobre o Movimento Negro Educador, pois ambos destacam a importância da resistência e da busca por uma vida melhor em meio a condições desafiadoras. Assim como os homens negros retratados na música, o Movimento Negro atua como educador, produzindo saberes emancipatórios e lutando por mudanças nas políticas de Estado para promover a igualdade racial e social.

O trecho da música antes destacado ilustra como a resistência e a busca por dignidade estão presentes no cotidiano daqueles que são marginalizados pela sociedade, enquanto o estudo de Nilma Lino Gomes mostra como o Movimento Negro se organiza para transformar

essa realidade, produzindo conhecimento e reivindicando políticas públicas que promovam a igualdade e a justiça social.

Inspirado pelo álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*, vol. 1 & 2 dos Racionais MC's, Oliveira (2018) nos convida a refletir sobre a capacidade de reinvenção e afirmação da identidade negra em meio às adversidades. Neste ato, as histórias dos personagens ganham novas nuances, revelando momentos de superação, solidariedade e celebração da vida. Como quando o personagem da obra *Farinha com açúcar* diz: “Eu li Malcolm X como quem come com fome, eu mastiguei aquilo, eu madruguei com aquilo, eu amanheci com aquilo...” (Oliveira, 2018, p. 50). Neste momento, o personagem expressa uma mudança significativa em sua vida ao mencionar sua leitura e reflexão sobre Malcolm X³.

O trecho revela um momento de autodescoberta, fortalecimento e afirmação da identidade negra, além de indicar uma disposição para enfrentar as adversidades e lutar por justiça e igualdade. Malcolm X é frequentemente lembrado por sua mensagem de auto-respeito, dignidade e resistência contra a opressão racial, e a referência a ele na obra ressalta a importância desse legado na construção da identidade negra e na luta por direitos e reconhecimento.

A partir do momento em que o personagem se sente imbuído dessa consciência, ele não apenas anda fisicamente, mas também viaja simbolicamente por todas as experiências, histórias e lutas dos negros ao redor do mundo como exemplificado abaixo:

[...] Eu andava, andava, andava e não chegava, porque a partir daquele momento eu já era, eu já estava em todos os lugares...

DJ com scratch: “A fúria negra ressuscita outra vez”. Eu portava dali em diante uma felicidade assumida. Eu era naquele momento todos os negros do mundo, todas as negras, todas as Áfricas e todas favelas e todos os Zairas, eu estava em todos os lugares (Oliveira, 2018, p. 50).

³ Malcolm X foi um dos líderes mais influentes do movimento pelos direitos civis dos afro-americanos nos Estados Unidos. Sua jornada de autoconhecimento, transformação pessoal e defesa dos direitos dos negros inspirou muitas pessoas ao redor do mundo, inclusive no Brasil (Oliveira, 2018, p.50).



Esse destaque apresenta um momento de profunda consciência e conexão do personagem com sua identidade negra e com a luta histórica do povo negro por igualdade e justiça. Já a referência ao *scratch* do DJ e à frase “A fúria negra ressuscita outra vez” sugere uma espécie de despertar ou renascimento dessa fúria, que pode ser interpretada como a energia revolucionária e contestadora que historicamente tem impulsionado movimentos de resistência negra contra a opressão e a injustiça. Entenderemos melhor trazendo uma estrofe maior da música *Capitu 4, Vercilo 3*:

Um Rap venenoso ou uma rajada de PT
E a profecia se fez como previsto
1997, depois de Cristo
A fúria negra ressuscita outra vez
Racionais, capítulo 4, versículo 3
(Racionais Mc's, 1997).

124



Essa letra da música reflete a intensidade e a assertividade do discurso presente nas composições dos Racionais MC's. Os artistas se veem como agentes de mudança e provocação, desafiando as estruturas sociais estabelecidas e confrontando questões como racismo, desigualdade e injustiça. A frase “Antigo e moderno, imortal” pode sugerir a continuidade da luta e da resistência ao longo do tempo. Já a expressão “Fronteira do Céu com o Inferno” evoca uma dualidade intensa e complexa, possivelmente relacionada às experiências vividas nas periferias urbanas. O verso “Vim pra sabotar seu raciocínio” indica uma postura disruptiva, desafiando as convenções e padrões estabelecidos. A referência a “1997, depois de Cristo” contextualiza o momento histórico em que a música foi lançada, enquanto “A fúria negra ressuscita outra vez, Racionais, capítulo 4, versículo 3” sugere uma retomada da luta e da resistência, fazendo alusão a uma espécie de renascimento ou revitalização do movimento negro.

Nesse ato, Jé Oliveira destaca a importância da comunidade, da cultura e da resistência como pilares fundamentais para a construção de uma identidade positiva e empoderada. A música assume um papel central neste ato, proporcionando momentos de catarse

e celebração que contrastam com a dureza e a dor retratadas no primeiro ato. Nesse trecho, percebemos o personagem relatando a importância da construção das músicas retratando suas realidades e informações sobre como essas vivências transformadas em um fazer artístico o atravessou de forma positiva citando a seguinte frase, “quando vi os Racionais pela primeira vez: eu não sabia se tinha tomado um tiro no peito, ou se eram eles a cura para aquele tiro no peito” (Oliveira, 2018, pág.52).

Reafirmando o pensamento de Achille Mbembe (2014), segundo o qual o autor discute a necessidade de os negros se unirem e se organizarem politicamente para combater as injustiças sociais e reivindicar seus direitos. Os músicos que acompanham Jé Oliveira no palco contribuem para a atmosfera festiva e emocionante, criando uma experiência sensorial única para o público por meio de citações diretas das letras das músicas como:

Crime, futebol, música, carai
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu sou mais um
Forrest Gump é mato
Eu prefiro contar uma história real
Vou contar a minha
(Racionais Mc's, 1997).

Agora eu era um homem, e tinha que correr
O mundo estava ao contrário e ninguém reparou
Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy era você além das outras três
(Racionais Mc's, 1997).

Esses fragmentos destacam a necessidade de resistência e superação diante das adversidades. Expressões como “eu sou mais um” e “tinha que correr” sugerem a ideia de luta pela sobrevivência em um contexto hostil, no qual os jovens negros precisam enfrentar obstáculos diários para garantir sua própria existência e dignidade. A obra também conta com elementos temáticos compartilhados entre a obra teatral e as composições do grupo de rap, como identidade negra, luta por igualdade e racismo estrutural.



No segundo ato, “Sendo”, a intertextualidade continua presente, desta vez explorando temas de superação e resiliência. Por exemplo, a música *Vivão e Vivendo* citada por Jé Oliveira (2018, p.44):

Você está nas ruas de São Paulo
Onde vagabundo guarda o sentimento na sola do pé
Não é pessimismo não, assim que é
Vivão e vivendo, guerreiro tira chinfra
É o doce veneno
Viajei voltei para você, voltei pelos locos,
voltei pelos pretos e pelas verdes consequentemente
Meu DeusSSSSSSS
(Racionais Mc's, 2002).

A estrofe da música dos Racionais MC's, *Vivão e Vivendo* (2002), oferece um mergulho profundo na realidade das ruas de São Paulo, pintando um retrato vívido e complexo desse ambiente urbano. Ao mencionar que “vagabundo guarda o sentimento na sola do pé”, a letra revela que nas ruas de São Paulo, as pessoas, especialmente as marginalizadas, aprendem a esconder ou suprimir seus sentimentos para sobreviver.

Já o trecho “Não é pessimismo não, assim que é / *Vivão e vivendo*, guerreiro tira chinfra” indica a realidade dura e pragmática da vida na periferia, onde se deve ser resiliente e orgulhoso apesar das adversidades. E “Viajei voltei para você, voltei pelos locos, / voltei pelos pretos e pelas verdes consequentemente” o narrador menciona que voltou por várias razões: pelos amigos (locos), pela comunidade negra (pretos) e pelo dinheiro (verdes).

A menção ao dinheiro (verdes) dentro da obra de Oliveira pode reforçar temas relacionados à luta pela sobrevivência financeira e as pressões econômicas enfrentadas pelas comunidades negras nas periferias urbanas, além disso, também revela uma maneira de demonstrar que alcançou sucesso com a sua arte e em contrapartida não esqueceu de voltar para ajudar os outros. Essas questões são parte integrante das experiências de muitos homens negros e refletem a realidade da busca por uma vida digna em um ambiente frequentemente hostil e desigual.



E uma última citação das músicas dos Racionais Mc's presente na obra *Farinha com Açúcar* de Jé Oliveira (2018, p.53), foi a música *Vida Loka Parte II* com o trecho:

Xô falá pro'cê
Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase irmão
Logo mais vamo arrebeutar no mundão
(Racionias Mc's, 2002).

Esse trecho da música nos revela a ideia de perseverança e esperança em meio às dificuldades da vida. A expressão “Xô falá pro’cê” pode ser interpretada como uma espécie de desabafo, indicando que mesmo diante das adversidades e das críticas, a vida continua e as coisas eventualmente se resolverão. A frase “Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase irmão” sugere uma visão otimista e fatalista da vida, indicando que os problemas e desafios são passageiros e que é possível superá-los. A segunda parte do trecho, “Logo mais vamo arrebentar no mundão”, reforça essa ideia de otimismo e determinação. É uma afirmação de que, apesar das dificuldades presentes, há confiança de que no futuro as coisas vão melhorar e haverá sucesso e reconhecimento.

A Intersecção da Arte e da Resistência na Obra de Jé Oliveira e nos Racionais MC'S

Após uma análise da obra *Farinha com Açúcar ou Sobre a Substância de Meninos e Homens* de Jé Oliveira (2018), em diálogo intertextual com os álbuns icônicos dos Racionais MC's, bem como com as teorias e estudos sociais pertinentes, é possível extrair diversas considerações que ressaltam a relevância e o impacto dessa produção artística na compreensão e conscientização sobre questões sociais urgentes, especialmente relacionadas à masculinidade negra, à cultura hip-hop e às experiências da comunidade negra no Brasil contemporâneo.

Primeiramente, é importante ressaltar o caráter interdisciplinar e multifacetado da obra de Jé Oliveira (2018), que vai além do teatro ao incorporar elementos musicais, cênicos e narrativos em uma ex-

periência imersiva para o público. A intertextualidade presente na peça, especialmente com as letras e temáticas dos Racionais MC's, enriquece a narrativa ao contextualizá-la dentro de um panorama mais amplo da cultura urbana brasileira, destacando as complexidades das vivências da comunidade negra.

A partir das entrevistas com doze homens negros de diferentes ocupações e vivências, Jé Oliveira (2018) constrói uma narrativa autêntica e multifacetada sobre as experiências da masculinidade negra no Brasil contemporâneo. Essas vozes reais trazem à tona questões urgentes, como o genocídio da juventude negra e o encarceramento penal desproporcional, promovendo uma reflexão profunda sobre as injustiças sociais e estruturais presentes na sociedade.

O estudo comparativo dialoga de maneira significativa com diversas teorias e estudos sociais sobre questões raciais, poder e resistência. Ao relacionar a experiência vivida nas periferias urbanas com as análises de Achille Mbembe (2014), o estudo demonstra as estruturas de poder que marginalizam e desumanizam as pessoas negras, revelando como essas dinâmicas são internalizadas e perpetuadas na sociedade brasileira. Além disso, a referência à cultura como uma ferramenta de resistência e transformação social, conforme abordado por bell hooks (2003), é nítido nas músicas dos Racionais MC's, que utiliza o rap como meio de expressão e denúncia das injustiças sociais.

Silvio Almeida (2020) contribui para a compreensão das dinâmicas de poder e opressão na sociedade brasileira, aspectos que são explorados na letra de *Negro Drama*, dos Racionais MC's (1997), que retrata violência policial, as desigualdades sociais e a resistência dos negros frente às adversidades. Portanto, ao contextualizar o estudo comparativo dentro desse arcabouço teórico, é possível compreender sua relevância como uma expressão artística engajada, que não apenas reflete as realidades vivenciadas pelas comunidades periféricas, mas também as questiona e as confronta, contribuindo para a conscientização e mobilização social em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

A estrutura da peça, dividida em dois atos “Morrendo” e “Sendo”, reflete a dualidade das experiências da comunidade negra, explorando tanto as adversidades e violências enfrentadas quanto a



resistência, resiliência e celebração da vida. Essa abordagem equilibrada contribui para uma representação mais completa e humanizada das experiências da masculinidade negra, desafiando estereótipos e promovendo uma visão mais empática e inclusiva.

Além disso, a presença cênica de Jé Oliveira, acompanhado por uma equipe de músicos, cria uma atmosfera envolvente e emocionante que amplifica o impacto da obra, convidando o público a se engajar ativamente com as questões apresentadas. O cenário simbólico, composto por barracos, bonecos e grafites, adiciona camadas de significado à narrativa, reforçando a urgência e a relevância das temáticas abordadas.

Em suma, *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustância de Meninos e Homens* e os álbuns dos Racionias Mc's, emergem como uma obra poderosa e impactante que contribui significativamente para o debate sobre identidade, representação e resistência no Brasil contemporâneo. Por meio de uma abordagem interdisciplinar e intertextual, Jé Oliveira oferece uma visão complexa e multifacetada das experiências da comunidade negra, promovendo a conscientização e inspirando ações concretas em direção à justiça social e igualdade. Estas obras exemplares ressaltam o potencial transformador da arte e do teatro como ferramentas para a mudança social e a construção de um mundo mais justo e inclusivo.



Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

AVILA, Daniele. **Prêmio de Questão e Crítica**. Disponível em: <https://primeiro.sinal.com.br/o-premio-questao-de-critica/>. Acesso em: 30 de maio de 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. **Somos Todos Legais: Novas Estratégias em Política de Cultura**. Tradução de Mariza Corrêa. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

Mais Retorno. **Quem é Alexandre Hamilton?** Disponível em: <https://maisretorno.com/porta/termos/a/alexander-hamilton>. Acesso em: 30 de maio de 2024.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona. Tradução de Marta Lança. 2014.

OLIVEIRA, Jé. **Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustância de Meninos e Homens**. São Paulo: Giostri Editora, 2018.

LIN-MANUEL, Miranda. **Hamilton**: An American Musical (Original Broadway Cast Recording). Released September 25, 2015.

RACIONAIS MC'S. **Nada Como Um Dia Após o Outro Dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo ao Inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

